

Num.
32
Anno I



16
Setembro
1922

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

OS TITANS DA EXPOSIÇÃO



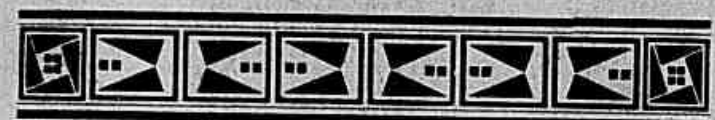
MORALES DE LOS RIOS



A SAUDE DA MULHER

COMBATE COM EFFICACIA

OS INCOMMODOES DE SENHORAS



AO 1.º BARATEIRO

Exposição permanente das ultimas
novidades de

PARIS e LONDRES

Avenida Rio Branco, 100





HEBE

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OLVIDOR, 55 — RIO



BA-TA-CLAN!

BA-TA-CLAN!

Rapazes! Cavalheiros! Anciãos!
já fostes ao Ba-ta-clan?

Como não vos lembraes, então, do

“SEXUOL”

que é o BA-TA-CLAN em comprimidos, o grande remoçador
da actualidade?

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilida-
de -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica
-- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Inter-*
nacional — Rua Quintino Bocayuva, 18.



HOTEL GLORIA

O maior e mais luxuoso da America do Sul, inaugurado a 1.º do corrente.

250 quartos com agua corrente, telephone e outras commodidades.

*Rocha Miranda
& Filhos*

RIO DE JANEIRO

A CASA TEDESCO

é a que offerece as maiores vantagens em preços e em qualidades.
Não comprem artigos de agasalho sem verificarem os seus preços.

Casacos de malha de lã. Jersey de sêda, Pelles, Boás, Manteaux e Capas

TECIDOS DE LÃ, SÊDAS, VOILES, ORGANDY E CREPE GEORGETTE

Eponge liso artigo inglez — corte.	27\$000
Marquizette serpentina — corte...	28\$500
Crepe da China — corte.....	55\$500
Taftetás em todas as côres — corte	35\$000
Lindos Foulards — corte... ..	28\$000
Meias de seda superiores desde...	6\$000
Casacos compridos, de casemira, a	58\$000

E muitos outros artigos a
PREÇOS DE OCCASIÃO

Rua Gonçalves Dias, 9

MIL CONTOS
EM
19 de Setembro

JOGAM APENAS
10 MIL BILHETES
E DISTRIBUE
75% EM PREMIO

Bilhete Inteiro 300\$	Meio..... 150\$
Quarto 75\$	Quinto 60\$
Decimo 30\$	Vigesimo.... 15\$

A VOSSA SORTE ESTÁ NO

CAMPEÃO DO SUL

AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

Raul C. Beirão & C.

6, RUA RODRIGO SILVA, 6

Caixa Postal 2166-Tel.: C. 2526

End. Telegr. CAMPEÃO

—RIO DE JANEIRO—

ALFAIATARIA



SANTOS DUMONT

A casa que mais
barato vende

ROUPAS PARA HOMENS, RAPAZES
E MENINOS

Especialidade em roupas sob
medida, de confecção
superior e corte elegantissimo

192, RUA 7 DE SETEMBRO, 192

Vendas por atacado e a varejo.

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de
todas as enfermidades provenientes das
impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O
PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS



Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel

::: valor :::



Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
efeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-

::: nismo :::



Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.



Linda moça, lindos olhos,
Linda bocca, linda tez,
Quem lhe deu tamanha graça?
Watson's Whisky, Numero Dez.

A' venda nos restaurants e hoteis de la. ordem.

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RU 7 DE SETE MBO N. 97 - Sob.



Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O CÃO POLICIAL

Bohemio por indole, o Rodolpho Mendes corsistia a preocupação permanente do tio, o honradissimo commendador Dorotheu. Orphão desde os sete annos, havia o rapaz encontrado no velho parente um segundo pae, que lhe dava a casa, o pão, a roupa, e, ainda, algum dinheiro para as estroinices nocturnas. Isso não impedia, entretanto, que Rodolpho Mendes vivesse permanentemente necessitado, e que se visse, naquella manhã, com a carteira completamente desguarnecida.

A' mesa do almoço, em que tomavam lugar, ordinariamente, apenas o commendador e o peralta, conversavam, os dois, naquella dia, sobre as cousas mais diversas, quando, a proposito de um roubo praticado na cidade, o venerando capitalista lembrou, desamarrando o guardanapo:

—E' verdade: uma cousa que eu dezejaria possuir, aqui em casa, era um cão policial. Dizem que esses animaes fazem verdadeiros prodigios na descoberta dos ladrões.

Si houvesse um para vender, eu comprava.

— Pois, olhe, não ha nada mais facil,— objectrou o rapaz.— Eu tenho um amigo, o Bonates, que possui uma boa criação d'elles. São caros, mas são admiraveis. E' elle quem fornece ao governo.

—E quanto custa cada um?

—O preço é, creio, um conto e duzentos. Eu penso, porém, que, para mim, elle deixará por um conto de réis.

Commemoração



— Casamo-nos ha um mez . . .
— E hoje já vamos festejar o centenario!

Não obstante o exaggero da tarifa, o commendador resolveu incumbir o sobrinho de arranjar-lhe, com o tal Bonates, um cão policial, dos melhores. E foi para isso que, após o almoço, lhe deu duas cedulas de quinhentos mil réis, verdes, novas, estalando.

Poucas vezes na sua vida sahira o Rodolpho de casa, á tarde, com tanto dinheiro. As notas de quinhentos faziam-lhe coegas, davam-lhe arrepios, mexiam-lhe com os nervos. Ao

POLLANG

“O PODEROSO”

É O DEPURATIVO PREFERIDO
PELA CLASSE MEDICA

E A PRÓVA ←
SÃO OS SEUS ATTESTADOS

ULCERAS NA CABEÇA, PERNAS E
PESCOÇO

Ha dois annos comecei a sentir as primeiras manifestações externas da syphilis; antes tinha muitas dores rheumaticas nas juntas e no peito, depois começaram a sair feridas purulentas na cabeça, pescoço e pernas; estas feridas, para a cura das quese fiz tudo que me recommendaram, eram o maior tormento de minha vida: tive que cortar todo o cabello, usar pomadas, desinfectantes, além de muitos remedios sem effeito algum. Receitado pelo dr. Lobo, comecei a quatro mezes a tomar o depurativo “POLLANG”; este magnifico remedio produziu effeitos salutaes desde o primeiro vidro, accentuando-se os bons resultados cada vez mais, até que no fim de mez e meio estava livre das nojentas feridas e dores rheumaticas, voltando a frequentar a sociedade e sentindo-me curado e feliz unicamente devido ao uso do grande depurativo “POLLANG”. Por meu exemplo varios amigos e conhecidos têm feito uso para enfermidades syphiliticas, com esplendidos resultados. André Gomes Cordeiro, Rio de Janeiro.

PLACAS VERMELHAS PELO CORPO ---
ESPINHAS E FERIDAS NO ROSTO ---
ORIGINARIAS DA SYPHILIS

Meu corpo dava a impressão de um tatuado, tantas placas vermelhas se desenhavam na minha pelle. Meu rosto estava crivado de pequenas espinhas e feridinhas seccas que provocavam uma comichão irresistivel. As pomadas, as fricções e os depurativos que tomei não produziram o minimo effeito. Ao “POLLANG” devo o meu restabelecimento, pois, ao quarto vidro estava livre dos meus horriveis encommodos. — Horacio Gomes Trindade — Campos — E. do Rio.

COM ECZEMA NOS PÉS DE ORIGEM
SYPHILITICA, NÃO PODIA
CAMINHAR

A comichão produzida por uma eczema nos pés não me deixava dormir; tinha-os em deploravel estado, numa verdadeira chaga dissorando uma aguadilha gommosa e fetida que se ia propagando pelas pernas, não me permettindo caminhar. Recorri aos medicos, fiz applicações de varias pomadas e só com o “POLLANG” consegui livrar-me desse estado e hoje restabelecido aconselho a todos o “POLLANG” como o unico purificador do sangue. — Aldhemar Werneck — Nitheroy — Estado do Rio.

POLLANG

É INFALLIVEL

NOS CASOS DE:

Rheumatismo - Eczemas - Feridas - Ulceras - Metrites - Molestias do Utero - Varises - Inflamação e Purgação dos Olhos - e dos Ovidos - Queda dos Cabellos e Sobrancelhas - Rachitismo - Dores de Cabeça Nocturnas - Comichões - Manchas e Placas na Pelle - Manchas e Espinhas do Rosto - Suppressão de Regras - Abortos Successivos - Molestias Venereas e

TODAS AS IMPURESAS DO SANGUE



HUMORISTAS ESTRANGEIROS

EQUIVOCOS

Quando Jacques encontrou Magdalena, estavam mais distantes um do outro do que se elle morasse na Suíça, e ella na Groelandia: residiam, os dois no mesmo prédio, mas com escadas diferentes. Deus (o grande dissyllabo, como disse alguém) quiz permitir, entretanto, que se encontrassem, escolhendo para intermediario um auto-omnibus, que é, nas grandes cidades, o providencial approximador das distancias. Sentados um ao lado do outro, apertados um contra o outro, elles se sentiram primeiro pelo tacto, e, depois, pelos olhos. E, em pouco, havia quatro narinas fremindo, respirando alto.

— Que bella creatura! — exclamava, mentalmente, o rapaz, olhando-a de soslaio. — Que admiravel mãe para os meus futuros filhos!

Por seu lado, Magdalena pensava, disfarçando o olhar:

— Quanta distincção neste rapaz? Quem sabe se não será elle o companheiro que meu coração espera?!...

A datar desse instante, resolveram os dois, intimamente, mudar de vida. Simular singelleza, vida honesta, foi, para o bohemio, cousa facil. Em poucos dias estava elle inteiramente separado de uma senhora casada que o importunava com o seu lyrismo, e de uma actrizinha amorosa, a quem ia fazer companhia todas as noites, depois do espectáculo. Por seu turno, Magdalena punha em disponibilidade o rapazola a quem sustentava, liquidada as contas com o velhote que pagava para os dois, e rompia relações com varios amigos eventuaes, que a visitavam na ausencia do velhote e do rapazola.

Puros e sinceros um deante do outro, começou entre os dois um idyllio casto, um amor sem peccado, uma paixão tão innocente,

que, ao fim de quinze dias, Jacques propoz á bem amada:

— E se nós nos casassemos, filha?

— Seria o ideal! — confirmou a rapariga.

A cerimonia nupcial foi encantadora. Promptos os papeis, fôram os noivos ao juiz, á egreja, e, depois, para o lar commum, obedecendo, rigorosamente, aos preceitos da Lei, da Igreja e da Moral. E nunca houve, na tenra, creaturas que se beijassem, na noite de nupcias, com maior soffreguidão.

No dia seguinte, ao amanhecer, o rapaz estava de tal forma estremunhado, que não tinha idéa, sequer, da sua situação. Habitudo a abandonar de manhã os lares onde passava a noite, suppoz-se em um desses logares, levantou-se, vestiu-se, e ia sahir quando, mettendo a mão no boso do collete, arrancou, de lá, uma cedula de cinco mil reis, atirandó-a sobre a mesinha de cabeceira.

— Ah! está filha; até amanhã! — disse.

De repente, porém, recompondo as idéas, percebeu a «gaffe» que commettera. Estava na sua casa, e aquella mulher era a sua. E ia metter a cedula, de novo, no bolso, quando notou que a esposa se sentava na cama, tonta de somno.

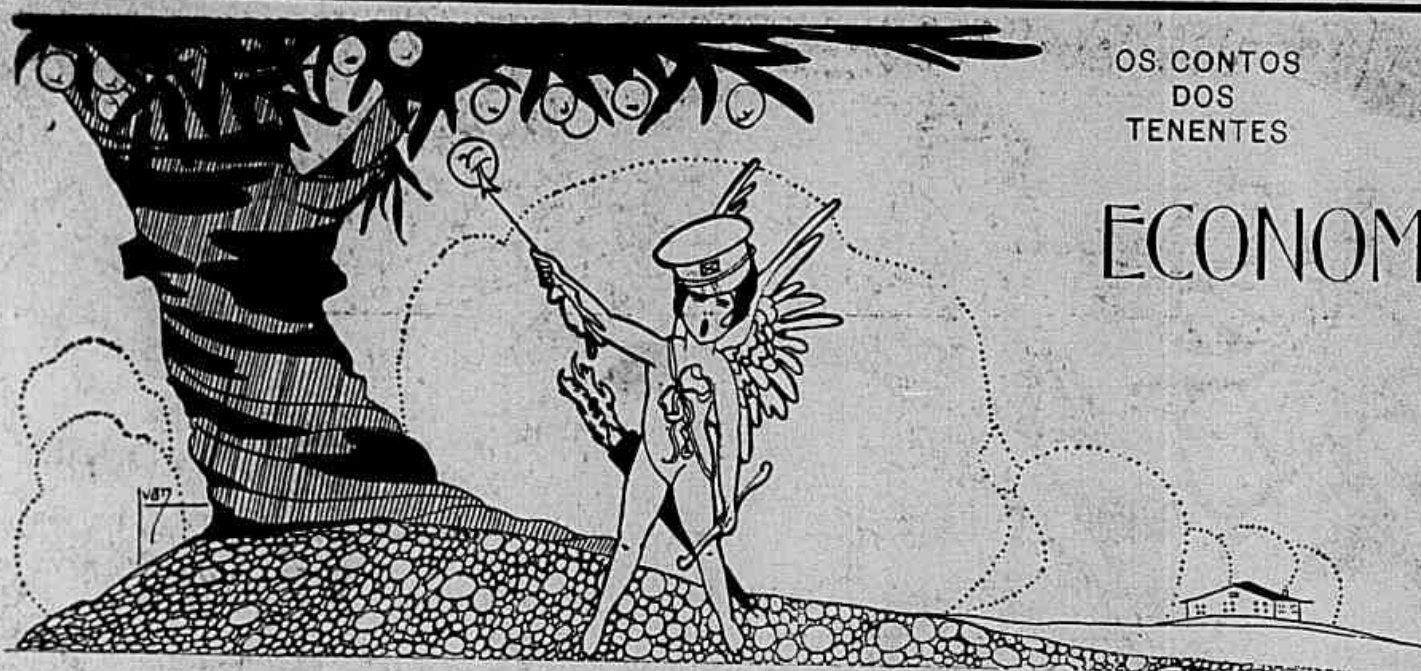
— Não, filho; leva teu dinheiro, — disse ella.

E rolando para o outro lado:

— Eu não estou acostumada a receber menos de vinte!

Hughes Delorme



OS CONTOS
DOS
TENENTES

ECONOMIAS

O encarecimento da vida havia tornado delicada a situação dos Pereira Claro. Os vestidos de Dona Beatriz, que eram comprados nas grandes casas de modas, passaram a ser feitos em casa, pelas mãos impecáveis da encantadora senhora. Os chapéus, começaram a ter a mesma proveniência: a moça adqueria os enfeites, a forma, o forro, e fazia tudo entre o almoço e o jantar, ou nos serões até meia-noite, enquanto o marido, fazendo-lhe companhia, fumava pacificamente o seu cigarro, lendo os jornais.

Essa mudança de vida havia impressionado vivamente a Luisinha, bonequinha viva de quatro annos, unico fructo daquelle grande amor do casal.

— Agora, minha filhinha, — dizia-lhe a mãe, — tudo tem de ser feito em casa. Os meus vestidos, os teus, as ca-

moitecer, possuia apenas uma. Tomou um taxi, correu ao Palace-Club, sentou-se entre duas egresas do «Ba-ta-clan», e pediu «champagne». E era madrugada já, quando, com alguns mil réis no bolso, desceu de um auto, nas proximidades da casa do tio.

Não obstante as quatro garrafas de «champagne» que havia esvasiado, o bohemio tomou conhecimento da situação.

— E o cachorro? — pensou. — Como ha de ser?

A passagem de um cão de rua, magro, pellado, sujo pela claridade de um combustor de illuminação, accordou-lhe uma idéa feliz. Abrandando a voz, chamou-o, caricioso. O rafeiro achegou-se, timido, desconfiado, cauteloso, e ia fugir de novo quando Rodolpho lhe lançou a mão ao pescoço, pelo qual passou a propria gravata, á falta de uma corda opportuna. Ao chegar em

casa, metteu o rapaz o cachorro no galinheiro vasio, tomando, em seguida, o rumo do dormitorio, onde roncou, de bocca escancarada, até ás onze da manhã. Despertado para o almoço, fez o estroina a sua «toilette», e desceu. A' mesa, o tio pediu-lhe noticias do cachorro.

— Que cachorro? — indagou o bohemio, inteiramente olvidado das occorrenças da vespera.

misas de teu pae... Não se compra mais nada feito...

Foi por esse tempo que o dr. Pereira Claro, vendo a fillinha tão só, acompanhando o serão materno, lembrou, rindo, a Dona Beatriz, na presença da pequenita:

— Agora, Bibi, vamos arranjar um maninho para a nossa filhinha, que está tão sosinha... Vamos comprar um irmãozinho para ella... Estás ouvindo?

A essas palavras, a pirralha interveio:

— Ah, papae, não! Não gasta dinheiro por minha causa!

E passando-lhe as mãosinhas pelo rosto, muito meiga, muito terna, muito carinhosa:

— Façam mesmo em casa... Sim?

Tenente Matheus

— Ora, essa — O cão policial, homem — tornou o velho. — O cão policial que você me foi comprar. Não se lembra mais?

— Ahn — fez Rodolpho, batendo na testa. — Está ahí no quintal, no galinheiro. Depois do almoço eu vou mostral-o a meu tio.

Engolida a sobremesa e tomado o café, encaminharam-se os dois para o quintal, onde Rodolpho, abrindo o antigo poleiro das gallinhas, chamou, para dentro:

— Landru! Landru! Tomé! Landru!

Embora não fosse aquelle o seu nome, o velho rafeiro sardento accorreu, sujo, pella-do, a barriga presa ao espinhaço, os olhos supplices, na esperança de um pedaço de carne, de uma simples migalha do almoço. Ao vel-o naquelle estado, o commendador torceu o nariz, estranhando.

— Isto, então, é que é cão policial? — indagou. — Pois, olhe, não tem ares disso... Ninguem diria!... Parece um cachorro commum...

A essa observação, Rodolpho sentiu um frio na espinha. Estava, positivamente, perdido. E foi para salvar-se que, chegando ao ouvido do velho, soprou, a voz baixa:

— Pois, é isso mesmo. Elle está disfarçando.

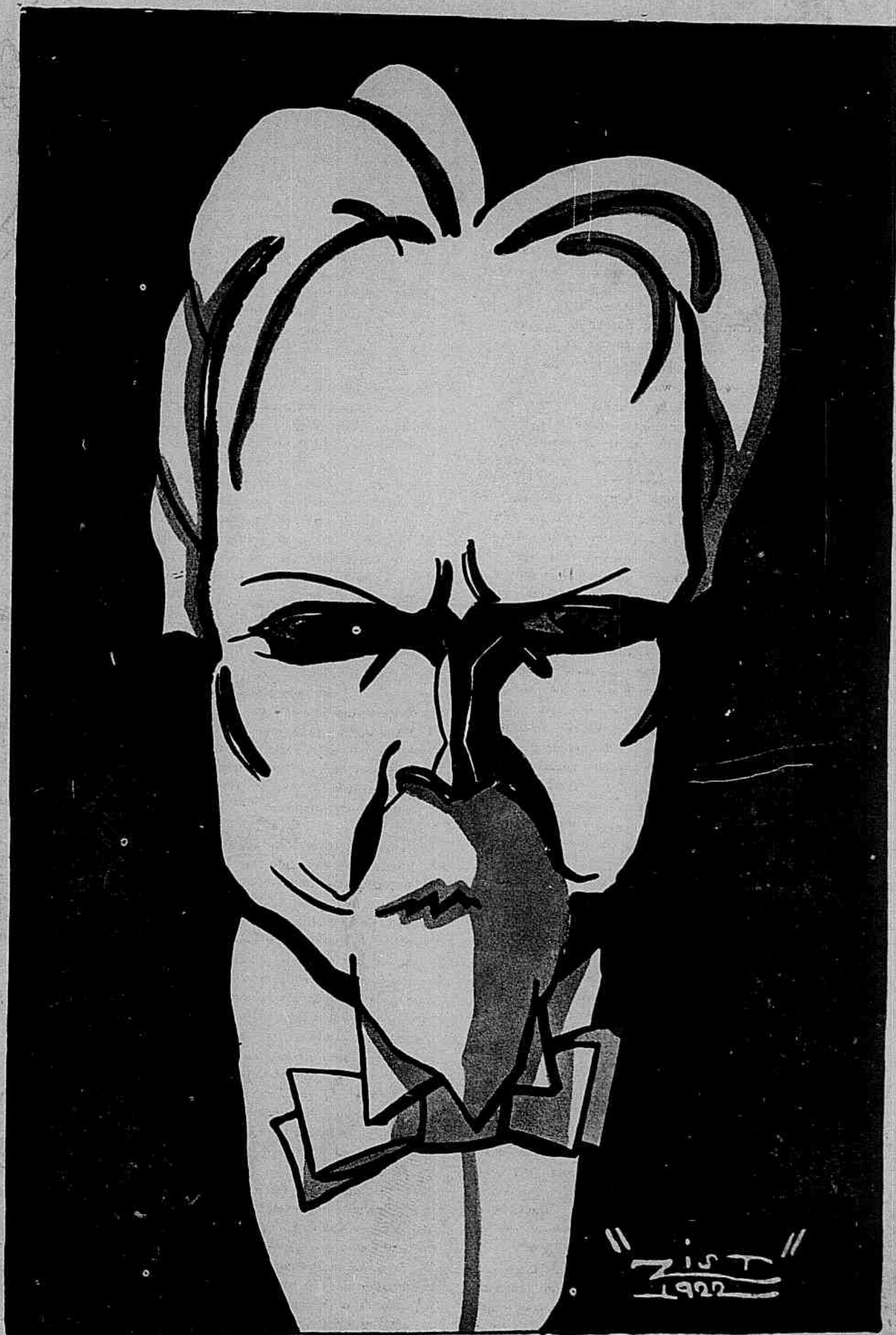
E mais baixo, ainda:

— E' secreta de Policia...

X.X.



OS HOSPEDES DO CENTENARIO



Dr. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

Antonio José d'Almeida



O anno de 1890 corria tranquillamente na Universidade de Coimbra, quando, de repente, começaram a circular os boatos mais de-encontrados. Pequenos grupos, aqui e alli, discutiam o caso, que, segundo se dizia, tinha occorrido na Faculdade de Medicina, onde

alguns mestres intransigentemente monarchistas haviam cometido uma injustiça com um estudante republicano.

— E quem é elle? — indagavam.

— E' o Almeida, de Pé-na-cova.

A occorrença fôra, realmente, grave. Proveniente de Pé-na-Cova, onde nascera, Antonio José d'Almeida havia mettido o pé na vida na Universidade de Coimbra, matriculando-se no curso de Medicina, quando alguns professores, informados de um discurso revolucionario por elle proferido á esquina da rua dos Grillos, resolveram reprová-lo nas materias que leccionavam. Levada a effeito essa represalia, o estudante protestou. Os lentes suspenderam-no, e começou a lucta, que foi formidavel, e que teve por epilogo fulminante a publicação do livro «Desafronta», em que Antonio José de Almeida arrasava, scientificamente e politicamente, os «lacaioz togados» da casa de Bragança.

Esse incidente poz em evidencia o nome do futuro estadista portuguez. Animado pelo espirito de revolta, a sua palavra tomou coloridos novos, em discursos incendiarios. Raro era o dia em que, á saída da Universidade, não subia a uma calçada da rua do Infante ou do largo da Sé Velha, para pregar a idéa nova, que «havia de arrancar os cavallos ajaesados ao carro de ouro da tyrannia».

Arrojado por indole, passou da palavra fallada á palavra escripta. Convidado a collaborar no «Ultimatum», folha vermelhamente republicana, publicou ali um artigo intitulado «Bragança, o ultimo» que foi como uma bomba nos meios academicos. Em Lisboa, o artigo alarmou vivamente as rodas palacianas. Levado ás Camaras por Lopo Vaz, este requereu a votação de uma lei que punisse aquelles desabrimentos. A lei foi votada, tomou o nome de «lei das rôlhas», e, dias depois, era Antonio José de Almeida condemnado a tres mezes de prisão, e recolhido á cadeia, com vigilancia especial.

A prisão do estudante, que contava vinte e quatro annos, constituiu um successo. Detido no pátio da Universidade, subiu a um pilar, e despediu-se dos companheiros. Não era elle o primeiro martyr da dynastia, nem seria o ultimo. As capas da mocidade haviam de arrastar-se, por mais de uma vez, pelas pedras humedecidas dos carceres. A Liberdade viria, porém, mais tarde, pagar em gloria, a cada victima da prepotencia, as horas de vergonha e de soffrimento.

Essa oração foi applaudida até o delirio. Abandonando as aulas, professores e estudantes sahiram á rua, acompanhando o preso.

E quando, tres mezes depois, cumprida a pena, Antonio José de Almeida abandonou a cella, foi para receber uma manifestação de apreço como não se viu, jamais, igual, do convento de Sant'Anna á Igreja de São Domingos.

Atirado á corrente revolucionaria, aproveitou o moço estudante a agitação nacional occasionada pela questão ingleza de 1890 para entrar em entendimento com os republicanos do Porto, que preparavam, alli, o movimento de 31 de janeiro. Subjugada a revolta, tornou a Coimbra, concluiu o seu curso em 1895, e, um anno depois, embarcava para a ilha de São Thomé, com intuitos puramente humanitarios.

Foi essa a primeira phase de repouso, de calma, de felicidade, do grande batalhador republicano. O soffrimento dos pretos, devastados pelas epidemias, fizeram-lhe esquecer a maldade dos brancos. Generoso, amavel, democrata, espalhava o bem por toda a parte, encarando a medicina como um verdadeiro apostolado. Certa noite, foi elle chamado a ver um enfermo de infima condição, em um dos arrabaldes. O doente não tinha conforto, nem roupa, sequer. O medico não teve duvida: despiu o proprio casaco, vestiu-o no pobre diabo, deu-lhe o braço, e atravessou com elle, assim, em mangas de camisa, as ruas da cidade.

Os naturaes nutriam por elle uma verdadeira veneração.

— Vossuncé, sinhô, — diziam os negros velhos, — só tem um defeito.

E confessavam:

— E' nun sê prêto, sinhô!

Esse defeito mesmo, isto é, ser branco, Antonio José d'Almeida ia perdendo, pouco a pouco. O sol, o clima da Africa, a vida sem relativo conforto, iam-lhe tostando a pelle, escurecendo a epiderme, crestando a physionomia. E estava quasi se integrando na raça, quando, instado por alguns amigos, voltou em 1904 á Europa, estabelecendo-se em Lisboa.

A situação politica do paiz accordou no antigo luctador a fibra do combatente. Instado pelos antigos companheiros, lançou a sua candidatura á deputação nas eleições de 1905. Eleito, foi depurado, allegando-se irregularidades nas secções de Azambuja. Em principios de 1906 tornou ás urnas, sendo recusado, novamente, por ordem do Rei. Nas eleições de agosto d'aquelle anno, foi, finalmente, reconhecido deputado pelo circulo oriental de Lisboa, entrando, logo, em combates formidaveis com as hostes monarchistas.

— Esse homem vale por um Exército, — dizia o Rei D. Carlos, — Qualquer dia d'estes eu accordo no Limoeiro e elle no Palacio das Necessidades!

A influencia do novo representante de Lisboa tornava-se, realmente, formidavel. Brilhantes e vigorosos, os seus discursos agitavam, abalavam, convenciam. E de tal modo que João Franco se viu na contingencia de dissolver as

(Cont. em «O grande Tenor»)





O PARAISO

Veridiano Correia Barbosa, antigo director da Companhia de Seguros Vitalidade, havia sido, desde rapazola, um devoto das mulheres. Menino ainda, passava horas e horas á porta da igreja de São Francisco de Paula, unicamente para ver as mocinhas que saíam da missa. E quando cresceu, não havia na rua do Ouvidor «pirata» mais audacioso, e que perseguisse mais insistentemente uma senhora desacompanhada.

Aos vinte e dois annos de idade, conhecendo as tendencias do filho, Dona Generosa propuzera :

— Sabes de uma cousa, Vevê? tu te deves casar...

— Eu, mamãe? Com quem?

— Com a Heloisa, filha do commendador Pedreira.

— Com a Heloisa? E as outras? Que é que eu faço das outras moças?

A idéa de que ia praticar uma injustiça, casando com uma das namoradas e deixando as outras solteiras, contribuiu para que Veridiano Correia Barbosa ficasse sem companhia, e morresse celibatário.

Essa vocação para os amores facéis não impedia, entretanto, que o capitalista fosse um homem generoso, que equilibrasse, de vez em quando, os seus peccados com uma série de boas obras. Não havia festa de caridade a que elle não comparecesse para fazer despesas, nem instituição de beneficência que não recebesse, de vez em quando, o seu donativo. Contam-se, mesmo, ás dezenas as moças que casaram sob a sua protecção, e ás quaes elle forneceu o vestido, o véo,

e, mesmo, as flores de laranjeira, embora um pouco machucadas.

Mesmo assim, com essa alma de anjo e esse corpo de bode, Veridiano adoeceu, e morreu. Desligado da materia o espirito bateu as azas, alou-se ás alturas, até que foi bater em uma encruzilhada, em que o caminho se dividia.

— Agora é que foi!.. — exclamou a alma do bohemio, indescisa.

E estava nessa duvida quando notou, a um lado, como guardando aquellas estradas, um anjo de alta estatura, tendo á mão uma espada faiscante. Approximouse, e deu o seu nome.

— Para onde vae? — indagou a sentinella.

— O meu anjo da guarda informou-me que eu devia ir para o Paraíso.

— Então, passe... — tornou o anjo.

Chegado ao Paraíso, onde foi recebido com todas as honras, teve o antigo bohemio, logo de entrada, uma enorme decepção. As bemaventuradas andavam todas de olhos baixos, com exaggeros de castidade. A monotonia imperava sobre as cousas, tornando de uma insipidez inqualificavel a vida naquelle logar.

— Esta, agora!.. — exclamou, contrariado, o velho conquistador.

De repente, teve uma idéa. Voltou sobre os proprios passos, até dar na encruzilhada onde estava o anjo. Approximando-se deste, explicou :

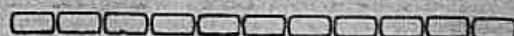
— Sabe? — houve engano, na minha informação. O Paraíso a que eu me referia não é aquelle.

— Qual é, então?

E Veridiano, ao ouvido do anjo :

— Onde fica... o de Mahomet?

Batu Allah





O GOSTO DOS AMIGOS

O Alvares Pinto havia entrado na casa dos cinquenta annos, rico e atoleimado, sem haver pensado, jamais, em casamento. Passara a mocidade inteira a arranjar dinheiro, e, quando o arranjou, era tarde para arranjar outras cousas. E como não houvesse mais remedio para torcer o destino, consolou-se com a administração dos proprios bens, inteiramente esquecido dos herdeiros.

— Isso é um horror, Alvares! — diziam-lhe alguns camaradas mais intimos. — Você não deve morrer solteiro. Case-se, homem!

— Eu? — objectava o usurario. — Com cinquenta e quatro annos?

— Então, filho? Que escandalo ha nisso?

O mais interessado em incentivar o velho capitalista era o Cesario Mendes, seu amigo do peito.

— Você deve arranjar a sua mulhersinha, meu velho, — dizia-lhe elle. — A velhice ali vem, e é preciso cuidar de quem trate dos seus achaques, dos seus interesses, da sua vida, em summa.

Cordato e simples, Alvares Pinto verificou que o amigo tinha razão. Era preciso edificar o seu lar, constituir a sua familia, estabelecer os alicerces da sua raça. E foi certo disso que pediu ao Cesario que lhe indicasse uma rapariga honesta, sincera, judiciosa, uma creatura a quem pudesse, sem susto, confiar o patrimonio do seu nome e a chave do seu cofre.

Ao rapaz isso não era difficil. Bem relacionado nas rodas mundanas, onde era um dos mais terribes conquistadores, foi sem custo que apontou ao capitalista uma viuva de vinte e um annos, fina, educada, encantadora, que elle conhecia desde solteira.

— Você não se arrependerá, meu velho, — A Lecticia é um encanto, e fará a felicidade da sua velhice. Pode casar sem susto.

Confiante em cousas de coração, Alvares Pinto casou. Custodiado sempre pelo Cesario Mendes, que se tornara mais frequente nas suas visitas, offereceu ao mundo, dentro de oito mezes de casamento, o primeiro pimpolho. Dez mezes depois, veio o terceiro. E estava o capitalista na phase mais feliz da sua vida, quando lhe chegou da Europa um outro camarada de mocidade, que ignorava, aquella modificação no destino do usurario.

— Que é isso, Alvares? — estranhou o recém-chegado. — Você casado?

— E' verdade, filho; constitui familia, arranjei uma mulhersinha...

— Mas, essa idéa foi sua mesmo? — tornou o viajante.

Alvares Pinto não era homem que mentisse. Era burro, mas sincero. E foi por isso que, chegando a bocca ao ouvido do curioso, confessou, rindo:

— Sabes de uma cousa, meu velho?

A idéa não foi minha, não. Eu me casei...

E ainda mais baixo:

— Para dar gosto aos amigos...

E era, mesmo.

Jota Sô



ANTHOLOGIA GALANTE

A VINGANÇA

(Do conto «Bis in idem»)

... D. Albertina chegou á casa do official, abriu a porta rapidamente, e desembuçando-se da mantilha, fechou o trinco pelo lado de dentro. A casa estava inteiramente ás escuras. Ella, porém, vinha prevenida para o caso: fez luz. Dispunha-se já a executar promptamente a sua missão, quando uma voz soou, uma voz aggressiva e sobresaltada:

— Quem está ahí?!

Immediatamente, á porta do quarto do Lemos, assomou um vulto, a figura de um rapaz vestido como quem acabava de saltar da cama e de revólver em punho. D. Albertina, nervosa como estava, teve um susto horrível; encostou-se á primeira cadeira que encontrou, sentiu um calafrio, empallideceu e desmaiou.

O rapaz veio para junto della. Era um amigo do Lemos, o Armando Braga, um intimo, um companheiro de conquistas e aventuras, muito conhecido de D. Albertina. Passára nos Feniãos até á madrugada, e como tivesse de ir com o Lemos a outro baile n'essa noite, viera dormir-lhe em casa durante o dia, esperando-o. Quando ouviu rumor, acreditou que seria algum ladrão. O Lemos lhe afiançara que não viria ninguém. Vendo, porém, que era uma mulher e percebendo que caíra desmaiada, aproximou-se e foi com surpresa que reconheceu D. Albertina. Surpresa justificada, porquanto sabia do amigo que estava em vespas de rompimento com ella.

Não havia, entretanto, tempo para raciocínios complicados. O susto de D. Albertina fôra na verdade muito grande e o desmaio prolongava-se. O rapaz teve, em um relance, a intuição de quanto lhe podia render aquella boa fortuna...

Começou a aproveitar largamente o pretexto de desfogar os vestidos. Tomou depois nos seus braços o corpo, deitou-o sobre o leito e só então lhe deu a respirar o frasco de saes inglezes, sempre á mão naquella quarto de conquistador, habituado a taes accidentes, verdadeiros ou simulados.

Mas o de D. Albertina era bem verdadeiro. Assim, foi com extremo espanto que, ao despertar, ella se viu quasi despida, em sitio estranho. Ao pé estava o Armando, já enfiado em uma robe-de-chambre de seda japoneza do Lemos, esperando attentamente o acordar. Ella voltou os olhos e, em um momento, comprehendendo a situação, desatou a chorar. O Armando contava com isto. Procurou consolal-a; desculpou-se do que havia feito, receioso de que o incommodo fosse mais grave e — para ir logo ao ponto sensível da preocupação que certamente a dominava — mostrou que nada havia a temer da discreção d'elle — elle, um amigo do Lemos... D. Albertina foi, aos poucos, cessando de chorar. E o Armando, entretanto, que a observava, ia derivando docemente das primeiras phrases de simples consolo para outras mais audazes de sedução e conquista. D. Albertina notava bem a progressão. Já então senhora de todo o seu sangue frio, analysava a situação e via que fosse como fosse, o certo era que o Armando tinha entrado na sua vida e que a flagrantia em que acabava de ser surpreendida desarmava-a inteiramente em face d'elle. Demais, o assedio ia sendo cada vez mais ousado. E a D. Albertina acudiu uma lembrança: trahir o Lemos na propria casa, com um amigo e logo,

apoz abandonal-o era uma re-presalia de primeira ordem.

Esta idéa pareceu-lhe magnifica. Mas, em verdade — ella propria o sentia — o que o seu espirito estava procurando já não eram razões; eram pretextos. Via perfeitamente que naquellas circunstancias especiaes e ante o cerco cada vez mais cerrado de Armando, não havia meio de não capitular, embora, como fez, luctasse um pouco, recusando-se, por honra da firma, para não se deixar vencer immediatamente.

Mas afinal?

Afinal, tambem d'essa vez não houve outro

Um relógio, na saleta contigua, deu oito horas. Armando pulou no meio do quarto e começou a vestir-se com indescritivel ajeitamento:

— Oito horas!... E' a hora do Lemos chegar... e o diabo é pontual...

D. Albertina procurou fazer o mesmo. Mas quasi immediatamente ouviram-se passos fóra, calcando a areia do jardim.

— O Lemos! exclamou o Armando. E, voltando-se para D. Albertina: — Diga-lhe que não encontrou aqui ninguém...

E, em mangas de camisa, com a cartola no alto da cabeça, a sobrecasaca e o collete debaixo do braço, enfiou pelo corredor, disposto a raspar-se por uma porta dos fundos...

O Lemos entrou radiante.

D. Albertina viu que não havia meio de explicar de outro modo o seu desalinho. Compreendeu que não lhe podia, no proprio momento, dizer o que acabava de se passar. Adiando o rompimento, precipitou-se para o amante e caiu-lhe nos braços:

— Esperava-te, querido!

O Toledo teve um momento de surpresa.

Mas afinal?

Afinal, tambem d'essa vez não houve outro remedio...

Medeiros e Albuquerque



BRIGAS EM FAMÍLIA



ATHLETAS

(CENTENARIO)

TEAM DO FLUMINENSE F. C.



De p.^a, da esquerda para a direita: Marcos, Bordallo, Lais, Welfare, Chico Netto, Moura Costa, Mano, Machado, e Fortes; de joelhos: Motta Maia e Zezé.

ALIANÇA

Antes da partida, porém, ficou resolvido que o casal fizesse algumas visitas.

— E o Julinho vai? — indagou Dona Almerinda.

— Vai, sim, — confirmou o pae.

No salão dos Alves de Albuquerque, onde foram carinhosamente recebidos, o menino observou, pela primeira vez, as alianças das pessoas presentes.

— Papae, — indagou, — que anel é esse?

— É 'aliança', meu filho.

— E que é 'aliança'?

— 'Aliança' é um anel liso, sem pedra nenhuma, que os casados usam desde o dia do casamento.

— Ahn!... — fez o pirralho.

Dias depois, na fazenda da 'Boa Viagem', para onde haviam ido, passava o garoto pelo pátio da casa quando viu ruminando, á sombra de uma árvore, o 'Bonito', enorme boi de carro, ás narinas do qual haviam posto, como é de costume, uma enorme rodella de ferro, para prender a corda. Espantado, o menino correu para o interior da casa, comunicando:

— Papae, sabe quem está ahí no pátio, deitado debaixo da mangueira? Aquelle boi casado!

E ante a admiração do pae, que arregalava os olhos, sem comprehender.

— Aquelle, papae, aquelle que tem a 'aliança' no nariz... Sabe?

João Fortunato



GALERIA DE

(O FOOT-BALL NO

TEAM DO FLAMENGO F. C.



Da esquerda para a direita: Kuntz, Orlando, *Salvador*, *Caetano*, Telephone, Sidney, Dino, Junqueira, *Permuta*, Pindaro e Nôô.



Desde que principiara a falar, tornara-se o Julinho de uma loquacidade compromettedora. Queria saber tudo, indagava de tudo, fazendo, a todo indagava de tudo, fazendo, a todo entes. Logo ao amanhecer, quando a ama lhe punha o guardanapo ao pescoço para o café, começava elle as consultas:

— Luisa, a gente foi feita mesmo de barro?

— Foi, sim, «seu» Julinho.

— E os pretos?

— Também.

— Mas, então, foi com barro de carvão; não foi?

A's vezes, as perguntas collocavam o pae em situação embaraçosa.

A "ALII

— Papae, quando a gente sopra fogo, no fogão, accende; não accende?

— Accende, meu filho.

— E por que é que, quando se sopra o fogo da vela, a vela se apaga?

Preoccupado com essa precocidade do filho, o dr. Va'entim propoz, um dia, a Dona Almerinda:

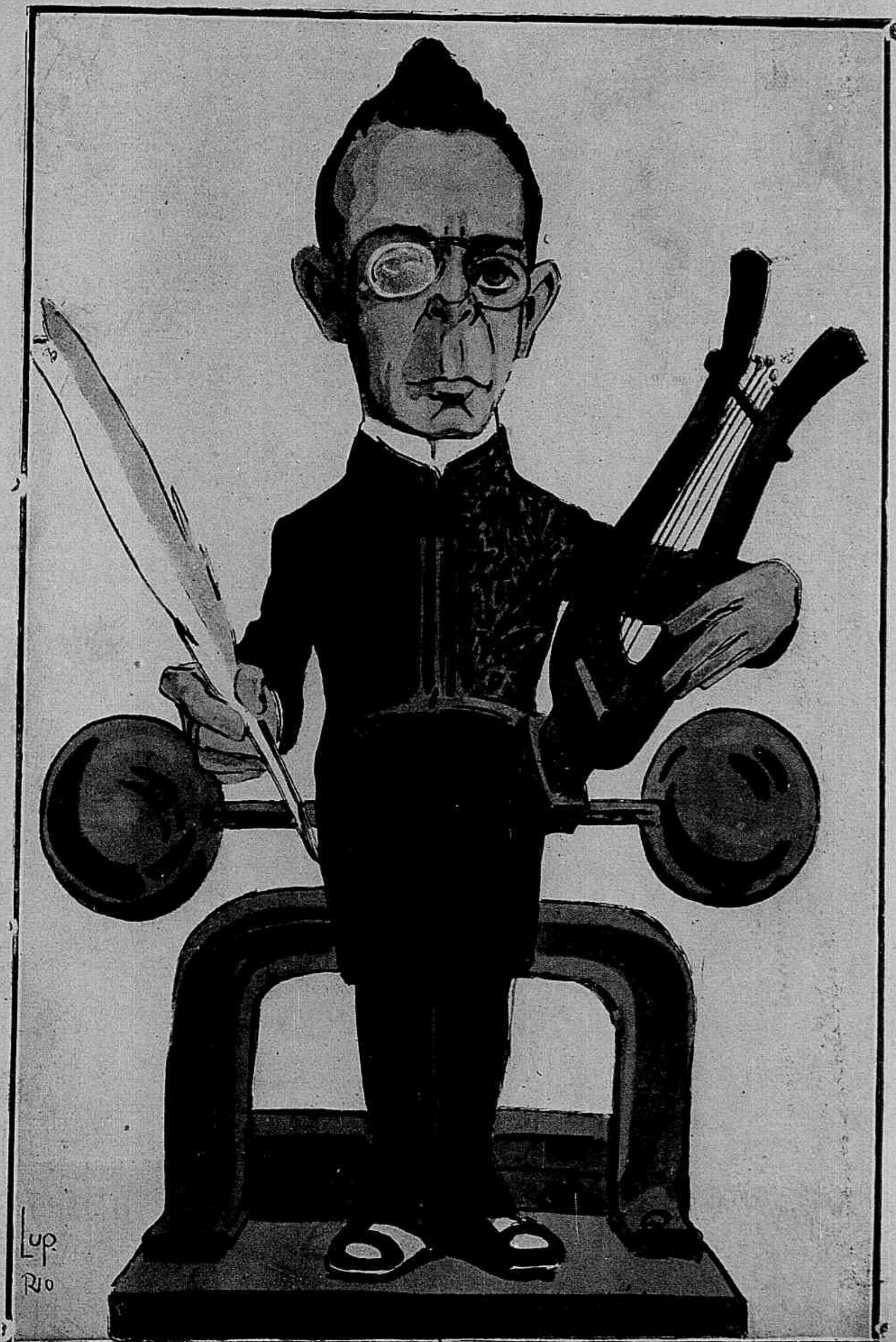
— Nós precisamos sahir d'aqui, filha. O Julinho está se tornando muito vivo, muito curioso, e isso está me incomodando. E' preciso dar-lhe outro ambiente mais simples, em que elle se distraia, deixando adormecer um pouco a intelligencia.

— Então, vámos, Valentim. Se é preciso... — concordou a moça.



FIGURAS PROMISSORIAS

(HOMENS DE LETRAS)



FELIX PACHECO

FIGURAS PROMISSORIAS

Felix Pacheco



Em princípios de 1897, quando as campanhas políticas ainda eram feitas com bom-humor, começaram a aparecer em um dos jornais cariocas, sob o título agressivo de «Chicotadas», uns versos revolucionários, atacando Deus e o mundo. Attingido por um soneto, por uma quadra ou por um simples decasyllabo, o deputado ou homem de letras corria aos «pedidos» do *Jornal do Commercio*, e desancava algum dos seus desaffectedos, attribuindo-lhe a perfidia. E assim é que foram atacados, injustamente, os poetas e jornalistas mais eminentes do tempo, os quaes ficavam, por sua vez, indignadissimos com a in-

justiça e o inopinado do ataque. Só muitas semanas depois foi que se veio a saber de onde vinham as settas: expedias um menino de dezete annos, «reporter» politico do *Jornal*, o qual se divertia, assim, anonymamente, com a sagrada furia dos deuses!

Esse rapazola chamava-se José Felix Alves Pacheco, e viera do Piahy ainda creança, para matricular-se no Collegio Militar. Fallecido o pae, sem parentes ricos, deixara o Collegio, empregara-se como revisor, passando, em seguida, para a reportagem. E era entrincheirado na sua mesa besuntada de gomma arábica e salpicada de tinta, que fazia estrebuchar, aqui fora, os sagrados figurões daquelle época.

Informado do caso, José Carlos Rodrigues, espirito de visão larga, mandou chamar o peralta á sua presença:

— E' você que está escrevendo aquellas irreverencias? — perguntou.

Conhecendo a gravidade do velho jornalista, Felix relutou. Positivamente, ia ser despedido.

— Vamos; falle a verdade, — instou o mestre.

Felix creou coragem, e confessou:

— Quem escreve aquelles versos, sou eu, sim, se-hor! José Carlos Rodrigues estendeu-lhe a mão:

— Então, meus parabens.

E batendo-lhe nas costas:

— De hoje em diante, está promovido a redactor.

Desvendado o misterio das «Chicotadas», e promovido o menino na burocracia literaria do *Jornal*, começou Felix a apparecer. Aos versos aggressivos, succederam rimas doces, de musa apaixonada. E em breve estava o menino piahyense á frente de um dos maiores grupos literarios d'aquelle tempo, o qual possuia por órgão a revista «Rosa Cruz» e tinha como programma o culto quotidiano de Cruz e Souza.

Em Felix Pacheco não havia morrido, porém, o antigo combatente das «Chicotadas». Magrinho, rosto comprido, cabello arrepiado, pince-nez illuminando o rosto imberbe, era o mais insolente do grupo. E assim era que investia contra todos os consagrados, na furia de destruir, de abater, de derrubar. Mahomet do novo credo literario, queria espalhar-o en-

tre alfanges. E como pendão de guerra, levava elle á frente a effigie de Cruz e Souza, a quem chamava, no delirio da sua admiração, Semi-Deus, Peregrino das Ancias, Archanjo Rebellido, E-leito Incomparavel, Dor Personalizada, Formidavel Dante Negro, e cousas mais ou menos eguaes, que Souza Bandeira pacientemente catalogou.

Essa mania de revolta não foi, porém, deradoura. Vivendo do auxilio dos redactores, a «Rosa Cruz» murchou, e despedalou-se. O ambiente, na redacção do *Jornal*, era severo, grave, cathedralesco. Felix depoz a espada de chammás, tomou o baculo, fez-se ermitão. Estimado por todos, arranhou um emprego na Policia, onde, em breve, lhe deram a chefia do Gabinete de Identificação.

Foi por esse tempo que lhe nasceu a idéa de mergulhar no Passado, estudando as nossas grandes figuras da Independencia e dos primeiros annos da Nacionalidade. O seu trabalho sobre Evaristo Ferreira da Veiga foi citado na Camara, como obra de mestre. Surgiram outros livros. Vieram outros versos. De anno a anno conquistava um galão, nas legiões do *Jornal*. E quando menos esperava, percebeu uma voz cariciosa, que o chamava.

— Psiu! — fizeram.

Voltou-se.

— Quem és tu? — indagou.

A dama informou, sorrindo:

— Sou a Politica...

E piscando o olho:

— Entra, sympathico!

Felix entrou. Amavel e terna, a dama fel-o deputado federal. Entretanto, exigiu:

— Quero que sejas meu; todo meu!

Por essa altura, o conquistado reagiu. Não abandonaria os seus versos, as suas rimas, a sua lyra. A Politica entrou em accordo, e Felix Pacheco permaneceu poeta, sem prejuizo, jamais, das suas funções de legislador.

D'ahi em diante, nada mais lhe faltou, na estrada lisa das conquistas. Redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, tem, nas mãos, o «dreadnought» da imprensa. Entrou para o Instituto Historico. Entrou para a Academia. Entrou para o Senado. Foi o que quiz e será o que quizer.

A caracteristica do poeta é, porém, a innocencia do seu verso, a delicadeza dos seu themas, a docura da sua emoção.

— E' um poeta educado no Collegio Sion! — dizem os sensuaes.

E nem podia ser de outra forma. Basta dizer que é d'elle, da sua musa sempre sincera, aquelle grito de homem puro, contido neste decasyllabo de um dos seus sonetos magistraes:

Feliz é o homem que não teve HISTORIA!

3odin



O GRANDE

TENOR

Aquelle anno, que era um dos ultimos da grande guerra, fora para Walter Mocchi de difficuldades incalculaveis. Tendo assignado contracto com a Prefeitura para occupação do Municipal, era do seu dever achar-se aqui, em agosto, com a companhia, organizada para a temporada lyrica da estação. Onde, porém, ir buscar os artistas indispensaveis? A Italia e a França, que os tinham em maior numero, haviam chamado ás armas todas as suas glorias masculinas do palco. A Alemanha estava sitiada. Restava-lhe, apenas, a Hespanha, cujos artistas começavam a valorisar-se, graças á situação em que se achavam os seus collegas francezes e italianos.

Em Madrid, andava o sympathico empresario de um lado para outro, fazendo propostas vantajosas aos tenores de renome, quando, desanimado, lhe falaram em um, que se encontrava sem contracto na occasião.

— Por que não leva Pablo della Torre? E' o unico que se acha agora, em disponibilidade... — aconselharam.

Aproveitando a lembrança, correu Walter Mocchi á residência do artista, na calle Zorilla, e, estabelecida a negociação, ficou combinado que Della Torre viria ao Rio de Janeiro, especialmente para cantar a «Traviata», que era o melhor numero do seu repertorio. E um mez depois desembarcava no Rio, com os outros membros da companhia, o grande tenor hespanhol, o maior artista do mundo, cujo retrato foi reproduzido, logo, por todos os jornaes da cidade.

Analysando o «elenco» d'aquelle anno, a imprensa foi unanime em elogiar o emulo de Caruso. Oscar Guanabaryno, n' «O Jornal do Commercio», achava-o inegualavel, dizendo: «E' o maior cantor que tem vindo á America do Sul. Walter Mocchi deve estar satisfeito com a aquisição, sendo merecedor não só dos applausos como da gratidão do nosso publico». Menos generoso, Rodrigues Barbosa limitou-se a contar a historia da musica, desde Apollo para concluir: «Della Torre é um grande artista, uma verdadeira gloria da Hespanha. Não de ver, entretanto, que a nossa platéa, na sua mania de «controlar» tudo, é capaz de divergir das mais esclarecidas platéas da Europa».

Na noite da «Traviata» o Municipal encheu-se. Vendia-se poltrona a cem mil reis. Walter Mocchi estava radiante. A atmospheria era de

espectativa li-symphathia, de sonjeira. E foi no meio dessa admiração preventiva que se ergueu e baixou o panno sobre o primeiro acto, coroado por uma tempestade de palmas.

— E' soberbo, mesmo, esse tenor! — exclamava um assignante illustre, do turno A.

— Que artista formidavel! — accentuava outro.

Ao fim do segundo acto, com a platéa em delirio, correu o empresario ao camarim de Della Torre, quando o encontrou tirando a cabelleira postica, e trajando, já, a sua roupa de rua.

— Que é isso? — exclamou espantado.

— E' o terceiro acto?

— Que terceiro acto? — indagou o artista. — Eu sei cantar, apenas, dois actos.

E ante o espanto de Walter Mocchi, que o fitava, boquiaberto, olhos arregalados:

— Sim, senhor. Ha quinze annos que eu canto a «Traviata», e como o publico, em toda a parte, me dá uma pateada, expulsando-me do palco, no segundo acto, eu nunca mais me dei ao trabalho de decorar o terceiro!

Fora, na platéa, a «élite» carioca applaudia, reclamando o tenor.

Avely

(Conclusão de Antonio José de Almeida)

Camaras um anno depois, e de tomar aquellas providencias exageradas que fôram explodir, pouco depois, pela carabina do professor Boiça, no terreiro do Paço, na tarde de 1.º de fevereiro de 1928.

Preso, por ordem de João Franco, desde 26 de janeiro, voltou Antonio José de Almeida ao combate, poucas semanas depois. E foi á frente dos seus republicanos, arrostando com elles as consequencias da sua aventura perigosa, que o encontrou a madrugada de 5 de outubro de 1910, na qual foi implantada a Republica em Portugal.

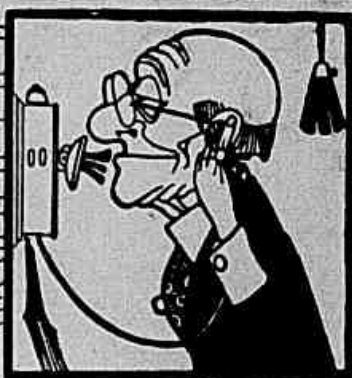
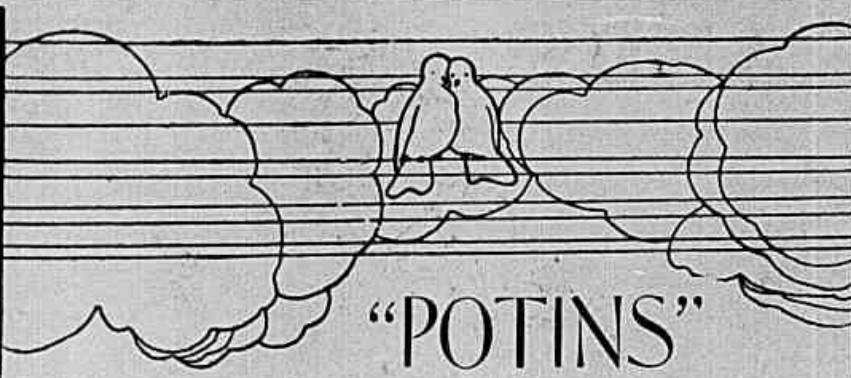
No novo regimen, tem o velho republicano incarnado, no tumulto das paixões, a tolerancia, o espirito de ordem, o sentimento de fraternidade. E foi o reconhecimento d'essas virtudes que o levaram, ha tres annos, á presidencia, e o tem mantido nella, nas tempestades de sangue que têm abalado, ultimamente, a terra portugueza.

— Si, para impedir a morte de um portuguez, fôr preciso a cadeira da presidencia — diz elle, frequentemente, — aqui a tendes!

Ninguém, entretanto, lh'a reclama. Porque todos sabem, em Portugal, fóra do paiz, que ninguém pôde, alli, governar com tanta justiça, nem perdoar com tanto coração...

Rodin





"POTINS"

Explicando o proverbio

Avenida Central, nas proximidades da porta monumental da Exposição. A' frente, madame, com o seu sumptuoso vestido e o seu enorme chapéo de grande preço. Um pouco atraz o marido, conhecido engenheiro, e o jovem advogado, amigo íntimo do marido. A' passagem dos tres, ha quem commente :

— Que escandalo ! Elle sabe que o amigo o engana com a mulher, e, no entanto, andam assim pelas ruas !

— Mas, tambem, — commenta outro, — ella engana os dois, com outros amigos.

Adiante, uma senhora observa, criticando :

— Que falta de gosto, que horror ! Parece um carro allegorico !

— Pois, é isso mesmo, filha, — atalha o marido da censôra.

E perverso :

— Tu nunca viste o carro andar alean-
te dos bois ?

Generosidade

Desde que chegaram ao Rio, uma do norte e outra do sul, as duas formosas senhoras tornaram-se amigas. Se fossem irmãs, não seriam tão intimas, tão chegadas uma á outra.

— Nós somos tão unidas, — dizia uma, ha dias, no salão de espera de um cinema, — que o que é de uma, é da outra !

Ante essa informação, uma senhora de olhos muito claros, que estava perto, sorriu. Sorriu, e indagou do dr. Carlos Americo, que estava proximo :

— Os maridos, tambem ?

A surpresa

Discreto como todo homem experiente, o conhecido medico, figura de relevo na sua classe, resolveu preparar, á noite, no proprio consultorio, um excellente jantar para uma cliente que devia ir ás oito da noite. Foi encommendado á Colombo



um serviço para dois, com champagne e pratos caros, sendo utilizada como mesa de banquete a propria mesa em que o doutor examina os doentes.

A's sete horas, estava tudo prompto, quando soaram passos na escada. O medico precipitou-se, esfregando as mãos, de contente. E recuou, de subito.

— Por aqui, ainda ? — exclamou a dama, que subiu.

E vendo a mesa improvisada, e tomando lugar :

— Então, esperava a sua mulhersinha ; não ? Que surpresa !

Era madame que, estando na cidade, resolvera passar pelo consultorio, para levar o marido.

A arrependida

«Bibelot» humano, aquella formosissima carioca tem por marido um homem que, pela idade e pelas maneiras, poderia ter sido seu pae. Amigos d'elle dizem que ella vive contente, satisfeita, feliz. Amigas d'ella affirmam que, se arrependimento salvasse, ella estaria, de novo, solteira. E era uma d'estas que lhe louvava, ha dias, no Jokey, o seu lindo vestido de baile.

— E' bellissimo ! — dizia. — E deves estar alegre com teu marido. Quanto vestido novo !

— Eu, filha ? — retrucou a pobresinha.

E baixando a cabeça :

— Vê, só como são as cousas. Quando eu era solteira, pensava que a felicidade consistia em ter um marido velho que me dêsse vestido novo. E agora...

— ?...

— Como eu dezejaria um vestido velho, e um marido novo !



Para molestias
da Pelle
Dr. Eduardo
França

EXIR DE
SROGUEIRA

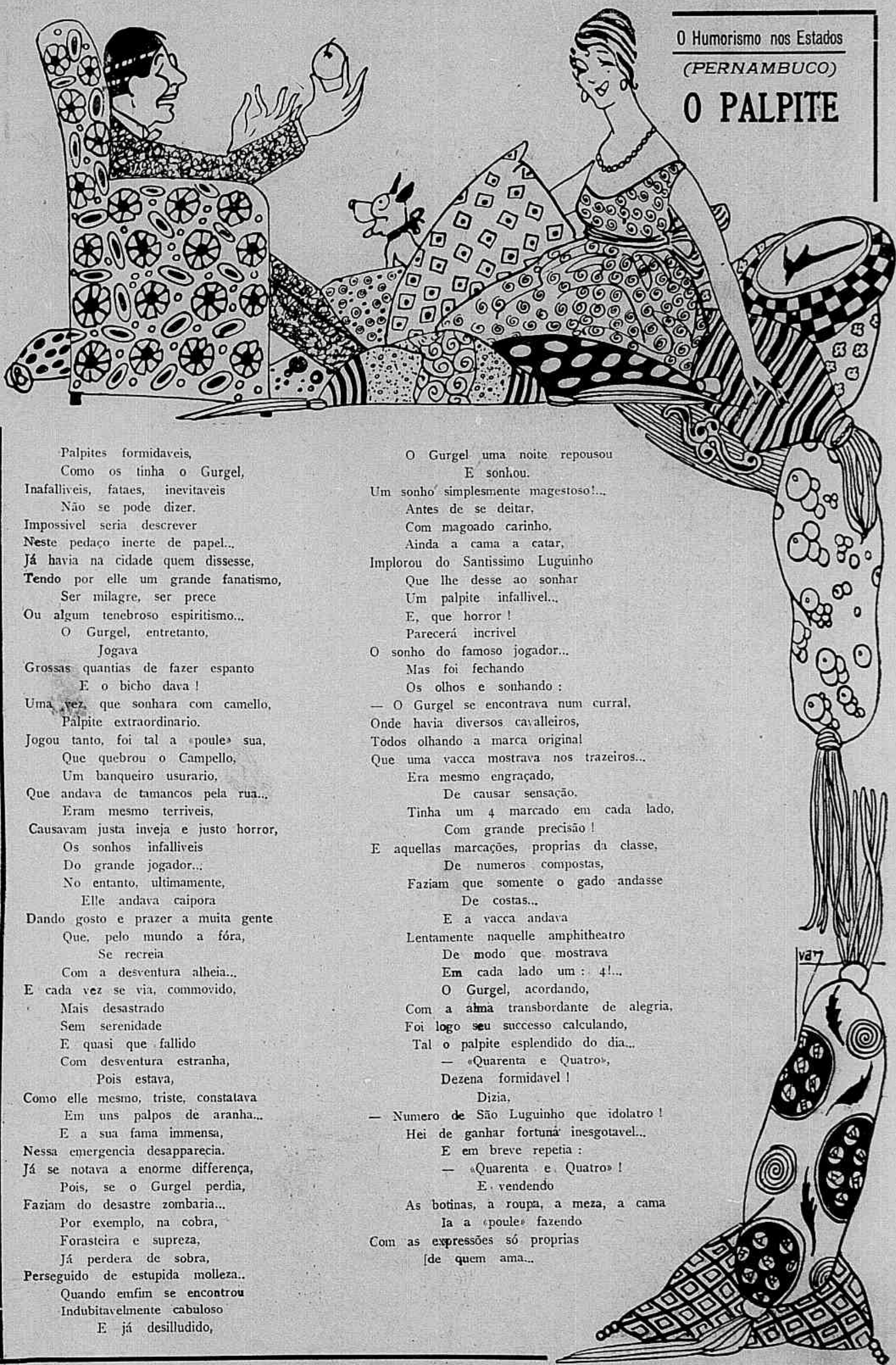
do pharmaceutico - chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA.
Grande depurativo do sangue — Para Syphilis e suas terriveis
consequencias.

USAE ! USAE ! USAE !

O Humorismo nos Estados

(PERNAMBUCO)

O PALPITE



Palpites formidáveis,
 Como os tinha o Gurgel,
 Inafallíveis, fataes, inevitáveis
 Não se pode dizer.
 Impossível seria descrever
 Neste pedaço inerte de papel...
 Já havia na cidade quem dissesse,
 Tendo por elle um grande fanatismo,
 Ser milagre, ser prece
 Ou algum tenebroso espiritismo...
 O Gurgel, entretanto,
 Jogava
 Grossas quantias de fazer espanto
 E o bicho dava!
 Uma vez, que sonhara com camello,
 Palpite extraordinario.
 Jogou tanto, foi tal a 'poule' sua,
 Que quebrou o Campello,
 Um banqueiro usurario,
 Que andava de tamancos pela rua...
 Eram mesmo terríveis,
 Causavam justa inveja e justo horror,
 Os sonhos infallíveis
 Do grande jogador...
 No entanto, ultimamente,
 Elle andava caipora
 Dando gosto e prazer a muita gente
 Que, pelo mundo a fóra,
 Se recreia
 Com a desventura alheia...
 E cada vez se via, commovido,
 Mais desastrado
 Sem serenidade
 E quasi que fallido
 Com desventura estranha,
 Pois estava,
 Como elle mesmo, triste, constatava
 Em uns palpos de aranha...
 E a sua fama immensa,
 Nessa emergencia desaparecia.
 Já se notava a enorme differença,
 Pois, se o Gurgel perdia,
 Faziam do desastre zombaria...
 Por exemplo, na cobra,
 Forasteira e supreza,
 Já perdera de sobra,
 Perseguido de estúpida molleza...
 Quando enfim se encontrou
 Indubitavelmente cabuloso
 E já desilludido,

O Gurgel uma noite repousou
 E sonhou.
 Um sonho simplesmente magestoso!...
 Antes de se deitar,
 Com magoado carinho,
 Ainda a cama a catar,
 Implorou do Santissimo Luguinho
 Que lhe desse ao sonhar
 Um palpite infallivel...
 E, que horror!
 Parecerá incrível
 O sonho do famoso jogador...
 Mas foi fechando
 Os olhos e sonhando:
 — O Gurgel se encontrava num curral,
 Onde havia diversos cavalleiros,
 Todos olhando a marca original
 Que uma vacca mostrava nos trazeiros...
 Era mesmo engraçado,
 De causar sensação.
 Tinha um 4 marcado em cada lado,
 Com grande precisão!
 E aquellas marcações, proprias da classe,
 De numeros compostas,
 Faziam que somente o gado andasse
 De costas...
 E a vacca andava
 Lentamente naquelle amphitheatro
 De modo que mostrava
 Em cada lado um : 4!...
 O Gurgel, acordando,
 Com a alma transbordante de alegria,
 Foi logo seu successo calculando,
 Tal o palpite esplendido do dia...
 — «Quarenta e Quatro»,
 Dezena formidavel!
 Dizia,
 — Numero de São Luguinho que idolatro!
 Hei de ganhar fortuna inesgotavel...
 E em breve repetia:
 — «Quarenta e Quatro»!
 E vendendo
 As botinas, a roupa, a meza, a cama
 Ia a 'poule' fazendo
 Com as expressões só proprias
 [de quem ama...

PES... DE ANJO



WELFARE (Do Fluminense)

Theatro Boccacio

O PARAISO PERDIDO

Comedia em 2 actos de Jan Richora.



Roberto — 45 annos — Advogado. Camargo — 40 annos.
Lolinha — 20 e tantos. Eva — 30 e tantos. Rosalia —
40 e tantos. Marina — 35 annos.

ACTO 1.º

Proximo á Livraria Leite Ribeiro

— Meio - dia.

SCENA UNICA

(Roberto, parado, examina as mulheres que descem dos bondes, quando chega Camargo e o segura pelos hombros)

CAMARGO — Então!... seu maganão!...

ROBERTO — Ah!... Como estás?

CAMARGO — Que fazes ahí... parado... a espiar o pessoal dos bondes?

ROBERTO — Eu?... Nada... Estou descansando...

CAMARGO — Deixa disso... Conheço esse joguinho... Andas na pescaria... A hora não presta... Isso só fica bom depois das duas... Agora são os maridos que passam...

ROBERTO — Não dou mais para essas cousas... Isso é bom para rapazes como tu... com pernas para andar á caça... Eu agora sirvo na artilheria de montanha... artilheria pesada... Fico parado... á espera que o inimigo passe no a'vo... no campo do tiro...

CAMARGO — Centas que ellas venham fallar contigo? Tens muito que esperar... Isso só acontece uma vez na vida, quando a gente anda com um pello fantastico...

ROBERTO — Não é tanto assim!!

CAMARGO — Queres então dizer que és um fascinador irresistivel?

ROBERTO — Quero dizer que não ando á matrôca... ao Deus dará... sujeito ás aventuras do desconhecido... (pequena pausa) Agora tenho um paraíso...

CAMARGO — Bravos! Estás modernizado... E' chic... distincto... Nem imaginas a vantagem que levas... Ha mulheres que dão a vida por um paraíso bem montado...

ROBERTO — Lá isso o meu é uma belleza... Está montado com todo o conforto... Foi copiado duma fita americana... (rindo) Tem até um buffet completo para «cock-tails» e outros explosivos...

CAMARGO — E a rua?... E' boa?

ROBERTO — Esplendida... Discreta... Frequentada por gente limpa... Qualquer pessoa pôde ir lá sem chamar a attenção sequer dos vizinhos...

CAMARGO — Como arranjaste isto?

ROBERTO — Um acaso feliz... Um engenheiro meu amigo... o Calvacante... rapaz de bom gosto... Elle agora foi para o Norte... Negocio de construcção de uma estrada de ferro... Vae demorar-se lá... uns tres mezes... e, na ausencia, deixará commigo o «paraíso», pagando eu apenas o aluguel... Duzentos e cincoenta... Um verdadeiro achado...

CAMARGO — Já estás com a chave?

ROBERTO — Somente com uma...

CAMARGO — Somente?... Como?...

ROBERTO — Sim... Por que o «paraíso» tem quatro chaves, mas apenas uma estava com o Cavalcante, e essa elle me entregou...

CAMARGO — E as outras?

ROBERTO — As outras... estão espalhadas... com varias creaturas...

CAMARGO — Amigos...

ROBERTO — Amigos?... Isso não... O Cavalcante não cede o ninho a ninguém... Foi essa a unica condicção que elle me impoz... As outras chaves estão com umas camaradas delle...

CAMARGO — E agora... Se ellas forem lá?

ROBERTO — Não vão... porque foram avisadas...

CAMARGO — Mas ficaram com a chave.

ROBERTO — Cousas de mulher... Umás guardaram a chave como lembrança... como capricho... Como mascotte... Alguma terá guardado como espirito pratico, para não perder a collocação, quando elle voltar...

CAMARGO — Collocação?...

ROBERTO — Sim... Collocação na tabella... Por que



Galho DE URTIGA

A noctivaga misteriosa

Pouco depois da meia noite, os moradores daquela rua que desemboca na praia de Botófogo ouvem as passadas ligeiras, meudinhas, de alguém que desce, no rumo do mar. Pessoas curiosas chegam á fresta da janella, e vêm: é um vulto feminino, muito discreto, convenientemente agasalhado, que, ao chegar á praia toma um taxi, que vem parar nas visinhanças da Lapa.

Alta madrugada, quasi de manhã, aquellas passadinhas voltam a resoar pela rua silenciosa.

E' o vultosinho misterioso que regressa áquelle bairro familiar... Mas, volta de onde? e para onde?

Só os seus sapatinhos de salto estalante como bico de canario, poderiam, talvez, dizer...



O ex-cachorro

Assim que baixa o panno sobre o 1.º acto, no Municipal, o querido mundano abandona a sua poltrona, e sae, de cadeira em cadeira, a saudar as senhoras conhecidas. Após o 2.º, sobe ás frizas e camarotes, fazendo o mesmo a todas as damas da sua amizade, depositando-lhes, numa curvatura, um longo beijo na mão.

Uma destas noites, vinha elle de camarote em camarote, quando uma das damas ameaçadas, um pouco dada ao espiritismo, chamou a attenção de uma das amigas:

— Sabes, Fulana? Eu tenho a impressão de que Fulano, na outra encarnação, foi cachorro.

E ante o espanto da outra:

— Nunca vi uma pessoa com tanto geito para lamber a mão da gente!...



E no quarenta e quatro nesse dia
O Gurgel jogou tudo que possuia!..

Mal a tarde risonha desmaiava,

O grande jogador.

Sentiu que a luz aos olhos lhe faltava

Que o coração tomara-se de dor!..

Pois o bicho que dera

Achava-se affixado num «placard»,

Defronte de um theatro,

E outra coisa não era

O numero que estava a contemplar:

— Quatrocentos e quatro!

E quatro, zero, quatro, nesse dia,

Foi a centena

Que deu na loteria...

Gurgel, com a alma de tristezas plena,

E cada vez mais triste o seu fadario,

Vendo tudo perdido

Foi procurar consolo ao seu gemido

Na casa do bonissimo vigario...

Mas ao contar o sonho

Ao cura, nestas coisas illustrado,

O velhote sorriu muito tristonho

E desolado...

Poz-se firme, de pé,

E, com uma voz amena,

Tomando uma pitada de rapé,

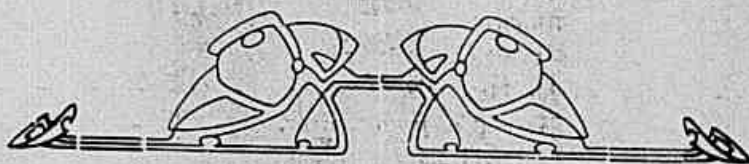
Suspirou

E bradou:

— O sonho palpitava essa centena...

... E Gurgel, reflectindo, concordou...

Mavtel de Prado



Reflexões

A casa que tem realmente o melhor sortimento de artigos para gente que sabe gosar as delicias de um pijama de seda, é «A CAPITAL».





ROBERTO — Pois bem... Lolinha... a sua surpresa ao encontrar-me aqui não foi menor que a minha ao vê-la entrar...

LOLINHA — Teve então surpresa... Desagradável?... Vim perturbar o seu descanso...

ROBERTO — Ao contrario... Estava meio adormecido e sonhava... um sonho lindo... Junto a mim... uma creatura adorável... e eu... no estado de somnolência... meio acordado... tinha o presentimento de encontrar na vida... um dia... essa creatura...

LOLINHA — Um dia... quem sabe? A's vezes acontece... A gente sonha com uma physionomia... e mais tarde vae encontrá-la na vida.

ROBERTO — Mas a minha surpresa foi outra... Quando acordei... com o ruido da chave... olhei... e vi deante de mim... a creatura do sonho...

LOLINHA — (rindo) Que fantasia!

ROBERTO — Fantasia?!... Tudo quanto ha de mais real (sentando na poltrona, proximo de Lolinha) Em carne e osso... (pegando na mão della) ou antes... em carne só... nem se percebe o osso... (beijando a mão) é um fructo que somente tem polpa...

LOLINHA — Pois eu acho que tenho caroço... quero fallar... e não posso...

ROBERTO — Nem é preciso... Já conhece a casa... Sabe todos os cantinhos...

LOLINHA — (levantando-se) Conheço um pouco... (caminhando para o quarto) Aqui tem um quarto magnifico... confortavel...

ROBERTO — (caminhando atraz della e pegando na cortina) E aqui tem uma cortina de gosto e sobre tudo muito discreta... (puxa a cortina e isola o quarto — desaparecendo com a Lolinha).

SCENA 2.^a

2 horas da tarde

Roberto e depois Eva

(Roberto, sosinho, sem paletot, descansa no divan quando abrem a porta pelo lado de fóra e Eva apparece).

ROBERTO — (levantando-se bruscamente) Faça o favor... Póde entrar minha senhora... Desculpe-me... num instante... eu vestirei o paletot...

EVA — (parada na porta) o Snr. é o amigo do Calvacante que ficou com a chave?

ROBERTO — Exactamente... minha senhora...

EVA — Vim apenas para procurar uma bolsa... Desconfio que ficou ali no quarto... a ultima vez...

ROBERTO — (vestindo o paletot) Pois não faça cerimonia minha senhora... póde ver a sua bolsa...

EVA — (entrando na saleta) Venho encommodal-o...

ROBERTO — Absolutamente... dona... dona... (rindo) Engracado!... Ia fallando como se já conhecesse a senhora ha muito tempo...

EVA — O Snr. é muito communicativo... eu tambem tenho a impressão de conhecê-lo ha muito tempo...

ROBERTO — Com certeza conhece de vista... dona...

EVA — Póde chamar-me — Eva... Sei que o Snr. é amigo do Cavalcante... Um homem fino e discreto...

ROBERTO — (Fechando a porta pelo lado de dentro) Tão discreto que acho prudente fechar esta porta...

EVA — Para que?

ROBERTO — Para a senhora procurar a sua bolsa com socego... sem ser importunada...

EVA — Mas tenho de procurá-la no quarto... Parece que foi ali... que a esqueci... (Entra para o quarto ao fundo)

ROBERTO (caminhando atraz della) Aqui ha porta para fechar... Mas poderei correr esta cortina... (Corre a cortina e isola o quarto, desaparecendo com Eva).

SCENA 3.^a

3 horas da tarde

Roberto, depois Rosalia

(Roberto, sosinho, em mangas de camisa, passeia na saleta — Vae ao buffet e enche um calice de Cointreau; vae tomal-o, quando abrem a porta pelo lado de fóra e Rosalia entra).

ROBERTO — Perdão minha senhora... Deve haver engano...

ROSALIA — Engano?... Absolutamente... pois não é aqui o chateau do Cavalcante?...

ROBERTO — E'...

ROSALIA — Já vê que não ha engano...

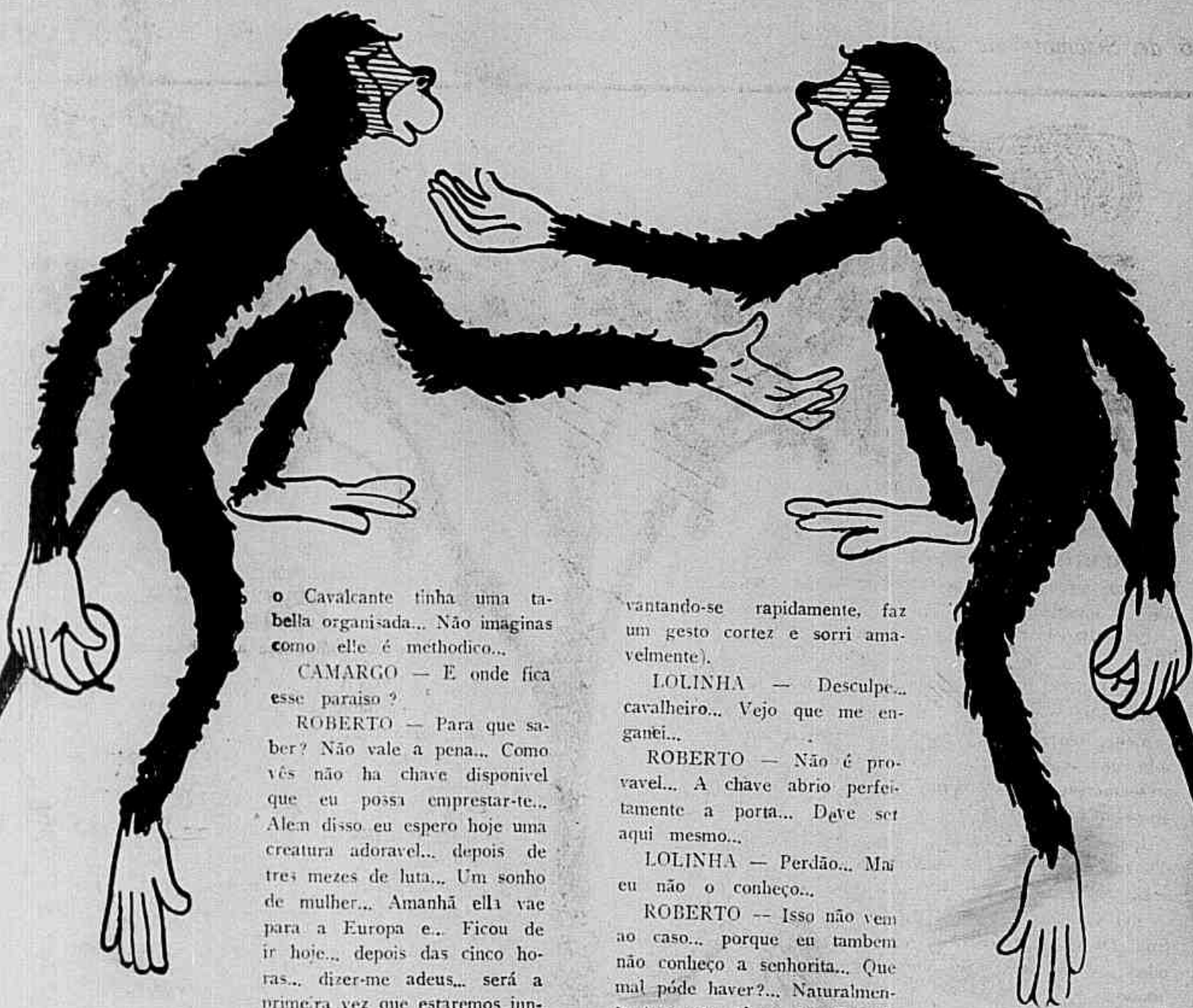
ROBERTO — Pelo menos a pessoa que a Snra. procura não está... O Cavalcante foi para o Norte...

ROSALIA — Eu sei... Mas eu procuro o Snr. mesmo... Não é ao Dr. Roberto que eu fallo?...

ROBERTO — Sim... Sou eu mesmo... Mas não tenho o prazer de conhecê-la...

ROSALIA — Pode chamar-me Rosalia... ou então Zali... Como o Cavalcante me trata... (voltando sobre os passos e fechando a porta) E' melhor fechar isto... Esta casa é frequentada por tanta gente... Póde vir alguma indiscreta).

ROBERTO — (aterrado, deixando-se cahir numa poltrona, enquanto Rosalia fecha a porta) Pois estou ás suas ordens D. Zali...



o Cavalcante tinha uma tabella organizada... Não imaginas como elle é methodico...

CAMARGO — E onde fica esse paraíso?

ROBERTO — Para que saber? Não vale a pena... Como vês não ha chave disponível que eu possa emprestar-te... Além disso eu espero hoje uma creatura adoravel... depois de tres mezes de luta... Um sonho de mulher... Amanhã ella vae para a Europa e... Ficou de ir hoje... depois das cinco horas... dizer-me adeus... será a primeira vez que estaremos juntos... Não imaginas a minha

commoção... Vou para lá desde já... esperal-a... pôde ser que ella chegue mais cedo.

CAMARGO — Esperal-a desde o meio-dia? Ella só irá depois das cinco...

ROBERTO — Não faz mal... Descansarei... Um pouco de repouso fará bem aos meus nervos... Estou muito agitado...

CAMARGO — (despedindo-se) Lá vem o meu Ipanema... Adeusinho e felicidades no paraíso...

ROBERTO — Adeus... meu velho... eu me lembrarei de ti e farei por honrar a tua procuração, se é que desejas que eu te represente algumas vezes...

CAMARGO — Pois sim... Até á vista...

(Camargo toma o bonde e Roberto desaparece na multidão).

ACTO 2.º

(No paraíso do Cavalcante — num 2.º andar, perto da esplanada do Senado, com vista para Santa-Thereza — Pequena saleta, com um quarto contiguo, communicando por uma porta larga, com cortina — O acto se passa na saleta, que está arrumada com apuro — Um largo diván, com almofadas — Duas poltronas. Abat-jours — Mesinha de fumoir. Tapetes, cortinas — Quadros de nú artistico — etc. Porta a E. — duas janellas a D. — Um pequeno buffet ao fundo.

SCENA 1.ª

1 hora da tarde

Roberto, depois Lolinha

(Roberto está descansando, estirado no divan, quando a porta é aberta pelo lado de fóra e Lolita apparece, mostrando surpresa, por encontrar ali uma pessoa) — Roberto, le-

vantando-se rapidamente, faz um gesto cortez e sorri amavelmente).

LOLINHA — Desculpe... cavalheiro... Vejo que me enganêi...

ROBERTO — Não é provavel... A chave abriu perfeitamente a porta... Deve ser aqui mesmo...

LOLINHA — Perdão... Mas eu não o conheço...

ROBERTO — Isso não vem ao caso... porque eu tambem não conheço a senhorita... Que mal pôde haver?... Naturalmente tem uma chave que lhe foi dada pelo Cavalcante... Eu sei...

LOLINHA — Vejo que está bem informado. E' realmente assim... Tenho uma chave do Cavalcante... Julguei que não houvesse outra chave... vim apenas para descansar um pouco na ausencia delle...

ROBERTO — Curioso!... Que coincidência... Tambem eu tenho uma chave... exactamente a chave do Cavalcante, e vim para descansar um pouco... Mas... por quem é... Faça o obsequio de entrar... Pôde sentar um minutinho... Essa escada é fatigante... Chega-se aqui sem folego... Descanse um pouco... Espero que o facto de ser eu um amigo íntimo do Cavalcante me abone como um homem de educação... Não tenha receio... Pôde estar á vontade... Como se estivesse em sua casa... Se quizer... poderei retirar-me...

LOLINHA — Não senhor... Ha lugar para dois... Estimarei até a sua companhia, Vejo que estou tratando com um cavalheiro distincto e discreto...

ROBERTO — (approximando uma poltrona, onde Lolinha se senta) Tão discreto que nem desejo saber o nome da senhorita... Bastará que adopte um appellido... porque melhor... poderemos fallar um com o outro... Por mim não tenho duvida em me apresentar — Roberto Santos, advogado...

LOLINHA — Pôde chamar-me Lolinha... E' assim que me conhecem...

ROBERTO — Pois é isso... D. Lolinha...

LOLINHA — Eu não disse que me chamava Dona Lolinha... Pôde chamar-me Lolinha... somente...



BIOTÔNICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Em todas as farmácias e drogarias
 Depositarios: Plinio Cavalcanti & Cia.
 Rua Senador Dantas, 45 — RIO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
 do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
 ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 16 de Setembro, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

200:000\$0000

INTEIROS, 44\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
 Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

RIPPE? Drogaria Werneck

GRIPPOSANOL

PILULAS DE CAFERANA
 DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

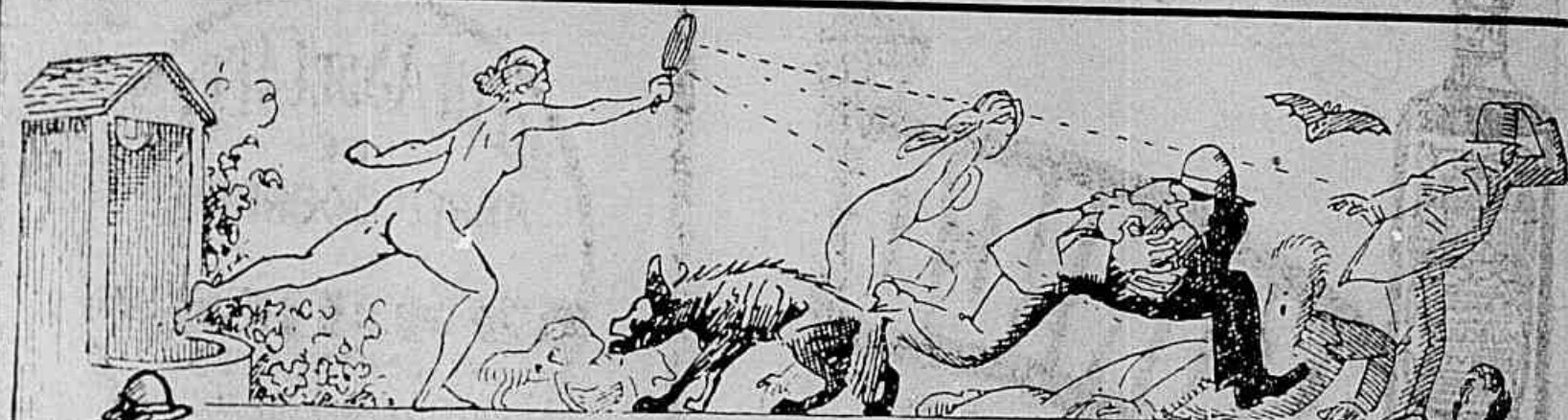
- INTERMITTENTES •
- PALUSTRES • SEZÕES •
- NEURALGIAS •
- MALEITAS •

**MELHOR QUALIDADE
 MENOR PREÇO**

CAMISAS modelo americano em zephir, lulzine,
 percal, seda, etc., pyjamas, cuecas, meias, gra-
 vatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios,
 camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez
 e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA
 OUVIDOR, 134





POR TRAZ DOS PANNOS

Bom bocado

O joven bacharel amava perdidamente a loura creatura do Ba-ta-clan.

— Queres uma apresentação? — perguntou, penalizado, um seu amigo, jornalista, critico, auctor, etc.

A apresentação foi em uma noite no Assyrio, apóz o espectáculo.

Depois... sahiram os dois, jornalista e a loura creatura, typo francez, mixto de chopp com absyntho...

E quando, dias depois, o bacharel recriminou a traição do amigo, este, confessou, num sorriso:

— Ora, filho, o bom bocado não é para quem o paga: é para quem o come...

E lambeu os beiços, com saudade...

Mãe Benta

— Mãe Benta, me dá um bolo?

— Não posso, senhor tenente...

Os bolos, porém, não eram da mãe Benta e sim de um cidadão obeso, ex-empresario, de pernas finas e grossas.

Quem não gostou da piada, que correu celere pelos bastidores do Carlos Gomes, foi a joven

discipula do maestro...

A coisa não passou, entretanto, da classica scena de ciúmes e a companhia do tenente não perdeu o alinhamento...

Colabada

E por fallar em Octavio Rangel, não compareceu ao S. Pedro, na noite da sua peça, com aquelle frack, aquelle chapéo de fita branca...

— O caso tem a sua explicação, — commentou o Candido Costa. — E' que não se vae a «actos» tristes... com fita branca no chapéo...

Quindins

A pequena actriz não tirava os olhos daquelle frisa e elle, por sua vez, olhava aquella scena do 3.º acto com aquella «serra» ao fundo, pintadinha...

— Quem é aquella para quem olhas tanto, perguntou, curiosa, a veneranda mamã.

E a pequena:

— E' o director do «patrio... money»...

Rideau

SCENA IV

Roberto e depois Marina

5 horas da tarde

Roberto está vestido, em pé ao meio da saleta e consulta o relógio para ver as horas, quando ouve umas pancadinhas na porta. Abre. Marina apparece com um ar assustado, entra na saleta, fecha ella mesma a porta e atira-se aos braços de Roberto).

MARINA — Afinal!...

ROBERTO (abraçando-a) Chegaste!... Por mais um pouco eu morria sosinho aqui...

MARINA — De saudade? De impaciencia?...

ROBERTO — Morria... sem saber de que... Não imaginas como estou passando mal... Horivelmente mal...

MARINA — Desde quando?...

ROBERTO — Desde... desde... mais ou menos ás 2 horas... Sinto vertigens horrosas... Os olhos escuros... as pernas bambas... Zueira aos ouvidos... a cabeça ôca, parece que vae estalar... um aperto no coração...

MARINA — Já tiveste alguma vez essa coisa?

ROBERTO — Nunca... Por isso mesmo estou impres-

sionado... Preciso de um medico... Póde ser qualquer cousa grave... Nem posso fiar em pé...

MARINA — Que fatalidade!... Logo hoje!... A primeira... e talvez a ultima vez que venho ver-te... na vespera de ir para a Europa... Nem imaginas a difficuldade... Tive de pretextar uma visita em Santa-Thereza... mas antes de tudo a tua saúde...

ROBERTO — (abraçado a Marina, com lagrimas de desespero) Se se tratasse sómente da minha saúde... Mas é da vida que se trata... meu amor... Não posso... eu morro

MARINA — (levando Roberto, amparado até ao divan). Tu não deves sair assim... Eu tambem não posso ir chamar um medico... Como hade ser?

ROBERTO — (beijando-lhe a mão) Perdôa-me... meu amor... perdoa-me... Eu te amo sempre... e a ti somente... Mas... não posso exigir que te compromettas... Tem paciencia... toca para a Assistencia... pede que venham socorrer-me... e vae embora... para não te verem aqui...

Jan Richora



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: Líquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios :

Microscopo, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2ª edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumeras gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2ª edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nlônho Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patriarcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Allados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O Elegante Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1ª parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2ª ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2ª edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:		Capital:	
Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	13\$000	• atrazado	\$600
Numero avulso	\$600		

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas côres	450\$000
1/4 "	60\$000	" " trez "	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

M Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL** e **WERNECK**

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

UA 000000 11. 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Romances Illustrados de PAULO DE KOCK a 1\$500

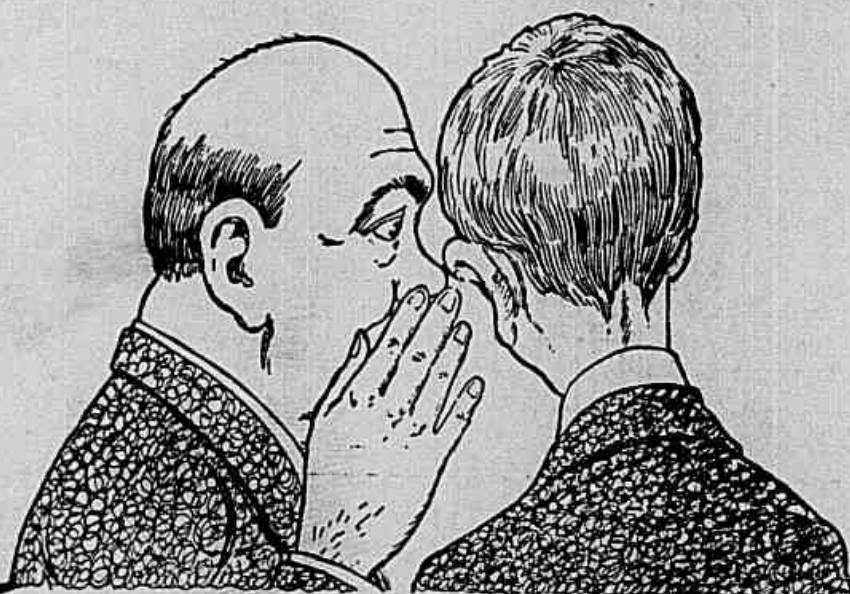
A educação de Flóra	As ligas da noiva
A filha da porteira	A bella costureira
Amor e ciúme	A rival de sua filha
Casamento forçado	A filha perdida
A Dama côr de rosa	O collar de diamantes

CONTOS DO VIGARIO — contos humoristicos de Armando Ferreira	1\$500
AMORES SENIS — romance, por L. Flany	1\$500
FARRAPOS DA VIDA — F. Schwalbach - typos, usos e costumes	1\$500
UM CABRA PERIGOSO — contos singelos	2\$000
A VESPERA DO NOIVADO — conselhos aos noivos e recém-casados	1\$500
AS TREZES NOITES DE JOANNA	2\$000
MEMORIA DE UMA CREADA DE SERVIR	3\$000
DESGOSTOS NA VIDA DOS CASADOS — H. Balzac	1\$000
QUE É A TERRA? — Guerra Junqueiro	1\$000
ENTREVISTA AMOROSA	1\$000
ARTE DE SE FAZER AMAR — por Mme. X.	500
A CEIA DE CLEOPATRA	200
O BANHO DE ADELINA	200

PELO CORREIO MAIS 500 rs. SOBRE OS PREÇOS MARCADOS

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS,
JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' "A MAÇÃ"



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 — RIO